

EM SUA 14ª EDIÇÃO, O VIDEOBRASIL MOSTRA OBRAS QUE DESTACAM VISÃO POLITIZADA DE ARTISTAS PREOCUPADOS COM A SITUAÇÃO INTERNACIONAL

FOTOS ISABELLA MATHEUS/VIDEOBRASIL

TEMPO DE INSTALAÇÕES

GRACIE SANTOS

De São Paulo*

O Brasil faz fronteira com o Líbano. Pelo menos e esta a impressão que se tem no Sec Pompéia, em São Paulo, onde vem sendo realizada a 14ª edição do Festival Internacional de Arte Eletrônica, Videobrasil, cuja mostra competitiva com a participação de 97 obras foi encerrada na noite de domingo. Mas as instalações da mostra Narrativas Possíveis - Práticas Artísticas no Líbano, com curadoria de Akram Zaatari e Christine Tohme, permanecem em exposição no Sesc (rua Clélia, 93, Pompéia), até 19 de outubro.

Narrativas inclui ainda dois ensaios sobre imagem produzidos especialmente para o catálogo do festival e uma palestra performance de Walid Raad sobre os documentos do arquivo do The Atlas Group, entidade que resgata e preserva a memória e a identidade do país e seu povo.

Na entrada do grande galpão que abriga a cada dois anos o evento, um imenso mapa da capital libanesa, Beirute, reforça o tema que norteia mostras, palestras, debates e performances do Videobrasil: deslocamentos. O autor, Marwan Rachmaoui, reproduz *Beirute de Borracha* (Goma de Beirute ou Beirute Caoutchouc) o mapa da capital libanesa antes da guerra. Apesar de ter sido feito para ser pisado, o imenso tapete de borracha e

quase sempre circundado pelos visitantes que só depois de um tempo percebem que poderão dar uma voltinha pela Beirute deslocada para São Paulo.

Formado em pintura e escultura nos Estados Unidos, Marwan avisa que do Brasil a instalação segue para Beirute, onde participa, em novembro, do Forum Homeworks, O mais curioso, e que quem visita a mostra não fica sabendo, é que o mapa de Marwan foi trazido aos poucos para São Paulo. Dividido em 60 partes, como um grande quebra-cabeça, ele veio nas malas de curadores e artistas libaneses convidados do Videobrasil.

De forte impacto visual, as instalações foram (e serão até meados de outubro) com certeza as grandes vedetes do festival, além das performances. A mais movimentada delas e a do fotógrafo Gilbert Hage, que, "para deslocar pessoas comuns, marginalizadas pelo sistema capitalista, de seu dia-a-dia, faz seus retratos". O pretexto, que segundo o artista vem sendo realizado há oito anos, é também "uma maneira de fazer com que estas pessoas sejam vistas". A série apresentada no Videobrasil que reúne 44 retratos de idosos, trabalhadores de ruas da Síria, curiosamente só tem homens. O autor descarta qualquer intenção machista e afirma que a região enfocada (o trabalho foi feito há três anos) havia apenas homens.

Coincidência ou não, ele vem fotografando homens e



DOCUMENTO

Gilbert Hage fotografa pessoas comuns para expor as mazelas sociais

mulheres passam pelo Sesc Pompeia. Registra apenas as imagens de maiores de 18 anos, que têm que assinar um termo aprovando a hipótese de sua imagem vir a ser usada no próximo projeto do artista. Ele diz que ainda não sabe o que vai fazer com os retratos brasileiros e garante que não tem idéia do que o leva a escolher um retrato para expor. Gilbert

Hage tem feito uma média de 100 retratos por dia.

Outra instalação da mostra Narrativas Possíveis surpreende o visitante. Trata-se de um *looping* de seis minutos com imagens geradas a partir de retratos de grupos de instituições militares do Egito e Iraque, produzidas entre as décadas de 20 e 40. Postados (estatelados) diante da câmera os oficiais deixam entrever as entre-



MAPA

A cidade de Beirute se transforma em tapete de Marwan Rachmaoui

linhas de suas expressões emocionadas que parecem brotar de suas patentes. Fica evidente que enquanto alguns sentem-se orgulhosos de sua missão militar, outros parecem presos na armadilha do uniforme.

Replay, de Lania Joreige, como o nome insinua, repete em dois telões (um terceiro no meio exibe apenas a imagem de alto-mar), duas cenas da guerra do Lí-

bano retiradas de fotografias publicadas em 1978 pelo jornal *Dar El Massiva*. A obra, realizada em homenagem à memória da amiga Alexandra Meyer, choca por apresentar uma mulher correndo descalça, desesperada, pelas ruas, e um jovem sendo baleado, "que cai várias vezes e não morre, embora nunca pare de cair".